

COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM

GRUPOS INTERATIVOS ESCOLA

No. 2 - NOVEMBRO 2011 - FERRAMENTAS DE TRABALHO PARA OS PROFESSORES

N.º1 • OUTUBRO 2011

Grupos interativos

N.º2 • NOVEMBRO 2011

Leitura dialógica

N.º3 • DEZEMBRO 2011

Participação e Formação de Familiares

N.º4 • JANEIRO 2012

Tertúlias dialógicas

N.º5 • FEVEREIRO 2011

Prevenção da violência de gênero

N.º6 • MARÇO 2012

Convivência

N.º7 • ABRIL 2011

Desenvolvimento emocional

N.º8 • MAIO 2011

Transformação do entorno

N.º9 • JUNHO 2011

Educação em valores

LEITURA DIALÓGICA: MAIS ESPAÇOS DE LEITURA COM MAIS PESSOAS



ADRIANA AUBERT/ EQUIPE DE COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM CREA-UB

Muitas crianças que fracassam na escola não conseguem ser bons leitores e vivenciam a aprendizagem de leitura e escrita como mais uma faceta de um sistema educacional imposto, e não como uma das maiores experiências de aprendizagem que temos. Isso se deve, em grande parte, ao fato de que os currículos escolares e a didática não levam em consideração aspectos suficientemente necessários para a aprendizagem. Por exemplo, as interações desses meninos e meninas com diferentes pessoas em suas casas e no bairro, ou no povoado onde vivem, em relação com a leitura.

A leitura dialógica é uma concepção do ato de leitura como atividade principalmente social (mais do que em uma relação individual entre pessoa e texto). Por isso, o diálogo é convertido em peça fundamental para alcançar uma compreensão leitora profunda e criativa. E

isto será possível graças ao aumento das interações leitoras em outros espaços, além da sala de aula, durante diferentes momentos, além do horário escolar, e com a maior diversidade de pessoas, e não apenas o corpo docente da escola..

O QUE É A LEITURA DIALÓGICA?

A concepção de leitura dialógica se enquadra nas características principais da sociedade atual na qual existe uma crescente presença do diálogo em todas as esferas sociais: desde o domicílio até a política global (Flecha, Gómez & Puigvert, 2001). Por outro lado, sustenta-se na concepção comunicativa da pessoa e da aprendizagem, que a interação e o diálogo estão no centro da atenção. Segundo a psicologia sócio-cultural de Vygotsky (1995), a aprendizagem parte sempre da interação social, de modo que os meninos e meninas atingem níveis mais altos de desenvolvimento através da colaboração com seus iguais e supervisionados por uma pessoa adulta.

O desenvolvimento cognitivo, portanto, depende da interação social através da qual a cultura, a sociedade e a cognição se transformam. George Herbert Mead (1934) também desenvolveu a ideia de que internalizamos o que previamente vivenciamos na interação com outras pessoas. Aplicado à leitura, o auto conceito de leitor dos meninos e meninas terá muita relação com estas interações, e, por isso, é necessário desenhar contextos de aprendizagem para as crianças que experimentem interações positivas e agradáveis baseadas nas altas expectativas como leitores.

O êxito da perspectiva de leitura dialógica é baseado precisamente em ir além dos processos cognitivos individuais de leitura, na direção do processo intersubjetivo de compartilhar a alfabetização com outras pessoas em alguns dos múltiplos contextos que conectam a escola e as famílias (Teberosky & Soler Gallart, 2003). Não se pretende que a compreensão seja individual, mas através deste processo intersubjetivo de leitura baseado no diálogo igualitário – no qual o que pesa são os argumentos que sustentam a interpretação, e não o status da pessoa que os expõe – os leitores e as leitoras reforçam sua compreensão leitora, aprofundam-se na interpretação literária, e refletem criticamente sobre a vida e a sociedade, o que gera possibilidades de transformação pessoal e social.

A motivação dos estudantes para ler e discutir o que leem é conseguido graças à diversidade de vozes dialógicas: entre iguais e pessoas adultas da comunidade como pai, mãe, irmãos e irmãs, outros familiares, amigos, pessoas da vizinhança, membros da comunidade, voluntariado. Essa diversidade que encontramos no contexto da comunidade é incluída no processo de leitura dialógica como uma fonte de aprendizagem e um recurso para ser explorado. Paulo Freire entendia a leitura não como algo mecânico, mas como “leitura do mundo” (Freire e Macedo, 1989). Leitura do mundo que é enriquecida quanto mais diversas sejam as pessoas com quem a compartilhamos. Na leitura dialógica, o significado, a compreensão e a aprendizagem são intensificados através das interações que estabelecem as diferentes pessoas na relação com um texto.

As análises sobre leitura de orientação dialógica ressaltam a melhoria em aspectos como a compreensão leitora, o vocabulário ou a leitura crítica. Através do incremento da interação ao redor da leitura nessa diversidade de espaços, os alunos melhoram significativamente as competências de linguagem e desenvolvem certas ferramentas cognitivas que promovem o sucesso em sua alfabetização (Ninio & Snow, 1986).

CONCRETIZANDO OUTROS ESPAÇOS, OUTROS TEMPOS, OUTRAS INTERAÇÕES

As atuações leitoras de êxito que estão alinhadas com o enfoque da leitura dialógica envolvem tanto os familiares que frequentam as bibliotecas escolares para ajudar os alunos a ler, como os voluntários que atuam como facilitadores da leitura de contos com os meninos e meninas nas salas de aula, e também para ajudar com as atividades de compreensão de leitura. Além disso, envolve as famílias que se alfabetizam e que leem livros de literatura clássica nos centros educacionais, e os meninos e meninas com diferentes níveis de habilidade leitora que se ajudam mutuamente, e que discutem conjuntamente as leituras. Tudo isso transforma o contexto sociocultural da aprendizagem e desenvolvimento alfabetizador (a sala de aula, a escola, a casa, e outras áreas da comunidade) que, por sua vez, fomenta a leitura do aluno e sua competência leitora. Nas salas de aula, muitos centros educacionais superaram com êxito o binômio professor-aluno, modificando sua organização tradicional e suas dinâmicas. Por exemplo, incluíram outras pessoas adultas, além dos professores, com a finalidade de apoiar a aprendizagem da leitura em grupos interativos e nas atividades de leitura compartilhada. Também transformaram suas bibliotecas tradicionais em bibliotecas tutoradas, tornando esse espaço flexível e adaptável às necessidades dos alunos e da comunidade. Finalmente, fomentaram a participação dos familiares nas atividades de leitura nos centros educacionais, desde a alfabetização até as tertúlias literárias dialógicas.

Estes centros educativos estão conseguindo aumentar a motivação dos meninos e meninas pela leitura, melhorar suas habilidades de leitura e al-

fabetização, fortalecer a coordenação entre escola e família, assim como gerar transformações pessoais e sociais que têm um impacto positivo nos alunos, nos processos de leitura e na experiência escolar em geral.

Aprendizagem Dialógica é a base a partir da qual se levam a cabo as Atuações Educativas de Êxito, como os Grupos Interativos. Estas atuações são colocadas em prática nas Comunidades de Aprendizagem, centros de Educação Infantil, Fundamental e Médio, a maioria público e alguns privados subsidiados pelo Estado que, independentemente de seu contexto socioeconômico, apostam no êxito educativo para todos e todas.

Nas salas de aula, muitos centros educacionais superaram com êxito o binômio professor-aluno, modificando sua organização tradicional e suas dinâmicas.

Referências:

- » Flecha, R.; Gómez, J.; Puigvert, L. (2001): Teoría sociológica contemporánea. Barcelona: Paidós.
- » Freire, P.; Macedo, D. (1989). Alfabetización. Lectura de la palabra y lectura de la realidad. Barcelona: Paidós (v.o. en 1987).
- » Mead, G.H. (1973): Espíritu, persona y sociedad: desde el punto de vista del conductismo social. Barcelona: Paidós (v.o.1934).
- » Ninio, A.; Snow, C. (1986): “The contracts of literacy: What children learn from learning to read books”, en Teale, W.H.; Sulzby, E. (Eds.): Emergent literacy: Writing and reading, Norwood, NJ: Ablex, pp. 116-138.
- » Teberosky, A.; Soler Gallart, M. (Eds.). (2003). Contextos de alfabetización inicial. Barcelona: IC E/Horsori.
- » Vygotsky, L.S. (1995): Pensamiento y lenguaje. Barcelona: Paidós.

A LEITURA DIALÓGICA NA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM “AMISTAT”

MONTSERRAT YMBERT E JOANA RODRÍGUEZ. PROFESSORAS DA ESCOLA AMISTAT – COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM (GIRONA)

A Comunidade de Aprendizagem “Amistat” está localizada na cidade de Figueres, na Costa Brava [Espanha], na beira do mar, perto da França. Professores e familiares decidiram realizar a transformação em Comunidade de Aprendizagem por várias razões, uma das quais foi o desejo de adequar as aprendizagens que oferecíamos à sociedade da informação, assim como a aproximação entre os processos de ensino e aprendizagem, e os princípios da “Aprendizagem Dialógica”.

Neste pequeno artigo nos centramos em nossa experiência de leitura dialógica, que compreende a realização da leitura em interação com outra ou outras pessoas, criando espaços de discussão. Este tipo de leitura não se realiza somente na classe ou na biblioteca, mas também pode ser feita em diferentes contextos. Assim foi como, em nosso centro educacional, propusemos as atividades que chamamos “reforço de leitura”.

Não se trata de atividades mecânicas. Não só permitem melhorar a dicção, a entonação ou o vocabulário, mas vão muito além, porque reestruturam o que sabemos com novas contribuições. É uma atividade muito motivadora, porque demonstra para os meninos e meninas que ler com o outro é aprender com os demais, e aprender criticamente muitas coisas que antes não sabiam ou que, sozinhos, talvez, nunca tivessem aprendido.

Esta atividade de reforço à leitura é realizada em horário escolar com voluntários e voluntárias que vão à escola por uma hora semanal (mínimo) em um ano escolar determinado. O voluntariado costuma estar formado por estudantes que, na maioria dos casos, são ex-alunos ou familiares dos meninos e meninas.

A seguir relatamos uma sequência

do reforço de leitura com os alunos do 3o. do Ensino Fundamental I:

Diana, neste caso, uma mãe voluntária, chega na hora combinada, se coloca na mesa que foi preparada, longe da sala, para que possam estar três pessoas lendo conjuntamente, e pega o material que vão utilizar. Pode ser um livro de leitura, álbum, livro temático... Hoje devem ler um artigo da revista “Cavall Fort” que se chama “A Cena”. Os primeiros alunos que se dirigem a Diana são Mohamed e Paula. Primeiro, fazem a leitura em silêncio, depois, cada um deles, alternadamente, vai lendo em voz alta. Diana está atenta para que as palavras sejam corretas, explica as estratégias de um bom leitor, faz com que eles leiam corretamente as pausas, vírgulas, pontos... Quando terminam de ler o artigo, entre os dois comentam aquilo que mais lhes interessou, qual é o significado daquela leitura, como relacionam isso com a vida cotidiana, com as coisas que acontecem hoje no mundo, etc. Ao terminar a reflexão crítica, os alunos fazem uma autoavaliação, respondendo às seguintes perguntas:

- Como eu li?

- Deixei de ler alguma letra?
- Fiz melhor do que na semana passada?
- Entendi tudo?
- Pude deduzir as palavras que não entendia?
- Gostei do assunto da leitura?
- Que leitura gostaria de fazer na próxima vez?

Finalmente, é realizada uma avaliação compartilhada entre cada um dos alunos e alunas, pela parte do outro estudante e da voluntária. Ao terminar, Diana manifesta sua satisfação pelo esforço e melhora das meninas e meninos que, a cada semana, leem com ela. Ela recomenda ler em casa e, inclusive, comenta que, antes de dormir, é relaxante e reconfortante ler algo que seja de seu gosto.

Mohamed e Paula voltam para suas mesas e Diana começa de novo com Habbib e Martina, até que tenham passado para ler todos os alunos da classe.

Todos eles participam desta estratégia de aprendizagem dentro dos princípios da escola inclusiva e da não segregação.

Perguntamos aos alunos e alunas o que eles pensam sobre essa atividade. A



maioria comenta que adora porque não termina até que não tenha entendido bem a leitura, e também eles adoram o fato de que uma pessoa adulta dedique seu tempo a eles: faz com que se sintam muito importantes e dá sentido ao que aprendem. O fato de que uma mãe, um pai, um ex-aluno, uma vizinha dedique seu tempo para aprender conjuntamente com os meninos da escola tem uma dupla consequência.

Por um lado, o menino ou a menina se sente importante porque uma pessoa adulta, de forma altruísta, quer ensinar-lhe algo, o que, além disso, faz com que a criança se sinta capaz e, portanto, melhora a motivação e a autoestima. Por outro lado, Diana comenta sua enorme satisfação em poder ajudar aos pequenos a avançar em suas aprendizagens. Percebe sua capacidade de acrescentar aprendizagens ao outro, criando, assim, um clima de confiança e de solidariedade. O sorriso com que os meninos e meninas a

recebem, a cada semana, reforça a vontade dela voltar na semana seguinte.

Apesar de que é sabido que não existe uma inteligência só, a chamada inteligência acadêmica abre muitas portas para as pessoas que a possuem. A importância, pois, de realizar a leitura, e de seu esforço em nossa escola, tem diferentes dimensões: 1) a acadêmica, que implica melhorar o sucesso escolar de nosso aluno e, como consequência, oferecer-lhe um futuro com esperança; 2) a dimensão social, porque o fato de que participem jovens que estão no ensino médio ou faculdade, e familiares de culturas diversas, favorece com que todos os grupos sociais que formam parte da comunidade escolar se sintam importantes e, ao mesmo tempo, que a escola se transforme em uma instituição muito importante para todas as famílias do entorno. O reforço da leitura se inclui dentro de muitas outras estratégias organizadoras e de participação

democrática real das famílias e voluntários na escola. Seria muito difícil organizar um reforço de leitura com voluntariado se não fosse porque a escola é uma Comunidade de Aprendizagem. As famílias estão muito acostumadas a serem uma parte importante de toda a maquinaria que colocamos em funcionamento, a cada ano escolar, para poder atingir os melhores resultados acadêmicos de seus filhos. Finalmente, apenas cabe acrescentar que a participação de pessoas adultas de diferentes procedências nas atividades escolares curriculares e não curriculares é uma ajuda muito valiosa para a convivência e a resolução de conflitos. Os familiares participam dos grupos interativos, da ambientação da escola, das tertúlias literárias para pessoas adultas, das festas populares e do colégio, da gestão do centro, como já comentamos antes; e, definitivamente, do desenvolvimento de todas as atividades realizadas.

LEITURA DIALÓGICA EM DUPLA

MÓNICA MOLINA/TUTORA DO 30. ANA PIZARRO/ORIENTADORA DO CENTRO E MEMBRO DO EOEP DE MÉRIDA. CRA LA ENCINA (BADAJOZ).

O “CRA La Encina” (centro rural agrupado) é uma escola integrada por três comunidades (Valdetorres, Manchita e Cristina) da província de Badajoz, e é uma Comunidade de Aprendizagem desde o ano letivo 2008-2009. Durante o ano letivo 2010-2011 nos propusemos iniciar a leitura dialógica em duplas no 3o. do Ensino Fundamental I. Para tanto, colocamos em prática o programa “Lemos em dupla” incorporando as propostas da Aprendizagem Dialógica.

O objetivo da experiência foi melhorar a habilidade de leitura e, especialmente, a compreensão na leitura dos alunos através da interação entre iguais, potencializar o envolvimento das famílias nas aprendizagens escolares, e aplicar metodologias inclusivas; tudo isso através da intervenção dos princípios da aprendizagem dialógica aplicada à leitura em dupla que são os seguintes:

» Partir do diálogo igualitário, baseando-se nas interações igualitárias que se produzem na dupla. Ou seja, tanto o tutor ou a tutora, como o tutorado ou tutorada, argumentam sobre suas reflexões e comentários a partir do respeito das ideias e propostas do outro membro da dupla.

» Partir da inteligência cultural, os alunos e os familiares colocam suas experiências e conhecimentos diferentes, incorporando à leitura não só propostas acadêmicas, mas também comunicativas e práticas.

» Partir do princípio de transformação, como forma corresponsável de comprometimento na educação de nossos alunos, filhos e filhas, que irá requerer algumas transformações em nossa maneira de agir. Também será uma oportunidade para melhorar as situações escolares de aprendizagem.

» Partir da criação de sentido, ao garantir a leitura entre iguais e o envolvimento da família, o que contribui para compreender e interiorizar a importância da leitura e que esta seja apropriada e praticada.

» Partir da igualdade das diferenças sem renunciar o desejo de conseguir o máximo de desenvolvimento de todos e todas, por isso, na formação de duplas, utilizamos critérios que garantam a heterogeneidade.

» A partir da solidariedade todos e todas devem conseguir o máximo de aprendizagem e esta prática é um meio de potencializar, partindo do lugar onde cada aluno e aluna se encontra para conseguir seu máximo desenvolvimento possível.

Sobre a formação das duplas, são utilizados os mesmos critérios de outras práticas dialógicas: heterogênea quanto a sua habilidade curricular, capacidade, gênero, aspectos de conduta, atenção e inversão dos papéis de tutor e tutorado, de forma alternada, a cada quinze dias.

Por outro lado, o envolvimento das famílias é fundamental. Estamos convencidos de que a participação de familiares é um elemento chave para conseguir melhores resultados e o sucesso educacional, e, nesse sentido, propomos as seguintes atuações:

» Sessão inicial com todas as famílias do grupo para informar sobre a prática que pretendemos desenvolver, analisar dificuldades e possibilidades para seu desenvolvimento, assim como verificar as disponibilidades das pessoas para colocar em prática o projeto.

» Sessão informativa centrada em conhecer as atividades que devem realizar com seus filhos e filhas em casa para conseguir sua “capacitação” como “tutores” de um colega, entrega de um roteiro com as pautas e atividades que devem realizar, e visualização de vídeos ou realização de role-playing.

» Entregar para cada família, 15 dias antes da intervenção, o texto e uma folha com as atividades correspondentes dos alunos tutores para que, durante este período, preparem o trabalho com seus filhos e filhas.

» Finalmente, entrega-se para cada família uma folha para registrar a evolução de seu filho ou filha nessa leitura, a compreensão de texto, as dificuldades encontradas, sugestões, etc.

Quanto aos alunos, antes de começar propriamente o programa, haverá uma sessão explicativa sobre a prática, eles assistem a um vídeo sobre o que devem fazer como tutores e tutorados, entrega-se um texto com atividades e explica-se, passo a passo, o que devem fazer. Nesta sessão, a pessoa encarregada de tutorar deve agir como modelo para que os alunos observem qual deve ser seu papel.

O tipo de texto que se deve iniciar a experiência é narrativo, de preferência contos, para passar, posteriormente, a outros materiais relacionados com os conteúdos da área, extraídos dos textos, ou para que sejam pesquisados na internet. Uma vez selecionados os textos, planejamos algumas atividades que os alunos devem realizar antes e depois da leitura.

Uma vez que terminam as sessões de formação prévia, começam as de tutoria entre iguais. Em nosso centro educacional, optamos por realizá-las a cada 15 dias, cada uma com 60 minutos de duração. E isso é desenvolvido ao longo do ano letivo. Cada sessão tem a seguinte estrutura:

» No início, o tutor distribui o texto breve e a folha de atividades, a partir da qual são propostas as atividades de compreensão da leitura aos alunos tutorados;



os alunos-tutores recebem o material na sessão anterior para poder preparar a atividade com suas famílias em casa.

» Na primeira meia hora é feita a atividade de leitura. Pede-se que a dupla pergunte entre si sobre as características do texto que foi lido. A seguir, o aluno-tutor faz uma primeira leitura do texto, agindo como modelo; e, depois, ambos leem em voz alta, o tutor marcando a velocidade, a pronúncia, e a entonação. E, por último, o aluno tutorado lê enquanto o tutor utiliza o seguinte procedimento: a) marca quando o tutorado erra, b) espera uns segundos para que ele mesmo se corrija, c) oferece uma pista – ou várias – ou, finalmente, dá a opção correta. Esta primeira parte termina com um reforço social positivo por parte do tutor (uma frase de apoio ou um gesto de incentivo).

» Na segunda meia hora as atividades são centradas na compreensão do texto. Depois de refletir sobre se confere a hipótese inicial ou não, o aluno-tutor ajuda a descobrir as palavras desconhecidas que ele previamente preparou, ressaltam as ideias principais e respondem perguntas de diferentes níveis de dificuldade. A seguir, é realizada uma reflexão em dupla para analisar ou avaliar informações que não aparecem no texto. Os últimos minutos são dedicados à leitura expressiva. Neste caso, depois de haver alcançado um conhecimento profundo do significado do texto, o tutorado lê em voz alta pela última vez o texto, e conclui com uma avaliação recíproca dos alunos e alunas envolvidos.

Como resultados obtidos a partir da avaliação das famílias e da tutora destacamos os seguintes:

Como aspectos mais positivos, é favorecido o envolvimento das famílias no processo leitor, é incrementado o interesse e a motivação dos alunos para a leitura, há uma melhora considerável na velocidade e na compreensão da leitura, é fomentada a colaboração, ajuda e respeito ao ritmo de aprendizagem entre as pessoas participantes, e é incrementada a responsabilidade do aluno ao ter que preparar a leitura adequadamente, pois ele será o “professor” do seu colega.

Como contrapartida, o projeto supõe certa carga de trabalho para o professor ou professora que se envolve, apesar de que, tendo em vista o fato de que a aprendizagem da leitura é acelerada, então vale a pena o esforço. Quando os alunos estão em dupla, se algum deles não traz a leitura preparada, a distribuição das duplas se quebra e, então, fazem trios, ainda que isso seja apenas a solução temporária que se busca para um problema. Quando o aluno ou aluna não a traz bem preparada de casa, é mais difícil ajudar seu colega.

Concluindo, avaliamos que é muito importante continuar desenvolvendo a prática de leitura dialógica em duplas, devido a melhoria considerável que é percebida no processo leitor dos alunos, sua alta motivação, o interesse, e o esforço que mostram na hora de fazer uma atividade de leitura; algo impensável no início do ano letivo. O grupo apresentava um nível de leitura excessivamente baixo e alguns alunos liam silabicamente. Atualmente, quase nenhum aluno faz leitura silábica. Além disso, consideramos como muito importante colher e incluir as interessantes e úteis propostas que fazem as famílias.

A BIBLIOTECA “FANTASIA” COMO ESPAÇO TRANSFORMADOR DE DESIGUALDADES

ROSA MARIA MARTÍNEZ/DIRETORA DO
ÁNGELA MOLINA BERNÁLDEZ E EDUARDO
BARREIRA ROMERO/ CEIP ANDALUCÍA
(SEVILLA)

O “CEIP Andalucía” está imerso em um projeto de transformação em Comunidade de Aprendizagem. Como se sabe, uma Comunidade de Aprendizagem é um projeto baseado na participação ativa das pessoas que compõem a comunidade escolar para transformar a realidade em que se encontram, e propiciar o sucesso escolar de todos os alunos, assim como a criação de um espaço democrático de participação e convivência no centro escolar. Entre os distintos âmbitos de participação, encontra-se a biblioteca que os alunos e alunas, através da comissão de representantes, deram o nome de Biblioteca “Fantasia”.

Esta é algo mais do que um espaço do centro educacional onde se reúnem livros e outros suportes informativos destinados ao uso escolar. É concebida como um novo espaço educativo provedor de recursos para os alunos, para os professores e famílias, facilitando as oportunidades para a aprendizagem, o crescimento pessoal e comunitário, a coesão social, assim como o ócio e a criatividade. Na escola trabalhamos para converter a “Biblioteca Escolar Fantasia” em um serviço prioritário do centro educacional oferecido à comunidade educativa para cumprir os fins do projeto educativo.

As funções e uso da biblioteca escolar estão organizados em torno de seis eixos de ação:

1. Biblioteca escolar como centro de recursos para o ensino e aprendizagem.
2. Desenvolvimento de alfabetização informativa e de habilidades de investigação.
3. Promoção e fomento da leitura e escrita.
4. Apoio e assessoria ao currículo.
5. Biblioteca como espaço compensador de desigualdades, centro de dinamização e de extensão cultural.
6. Organização e gestão da biblioteca escolar.



O projeto de biblioteca está apoiado por toda a Direção e é coordenado a partir da Comissão Mista de Biblioteca, formada por oito professores, um familiar e a bibliotecária (contratada graças ao financiamento da Fundação Cajasol). Eles se reúnem semanalmente de 15hs à 16hs, às terças-feiras (fora do horário de trabalho dos docentes). Além disso, quatro deles estabeleceram em seu horário letivo algum tempo para gerenciar, planejar e dinamizar o funcionamento das diferentes ações que realizam e impulsionam a partir da biblioteca, e dois docentes participam da atividade de biblioteca tutorada.

A BIBLIOTECA TUTORADA

O funcionamento da biblioteca tutorada, desde o ano letivo de 2005-2006, garante formatos semiestruturados no qual o aluno que precisa de mais apoio, encontra ajuda fora das cinco horas letivas. Neste sentido, as atividades de fomento e promoção da leitura, que são realizadas tanto na biblioteca durante a jornada escolar, como na biblioteca tutorada, permitem oferecer uma educação de qualidade ao nosso aluno.

A biblioteca tutorada permite a am-

pliação do tempo de aprendizagem, já que consiste na abertura do espaço fora do horário letivo graças aos professores, famílias ou voluntariado, para que o aluno com maiores dificuldades obtenha uma atenção especializada. Além desses meninos e meninas, podem frequentar a biblioteca e fazer uso dela outros estudantes do centro educacional, ex-alunos e ex-alunas ou seus familiares, seja para ler um livro, fazer suas tarefas, consultar dúvidas, etc.

A biblioteca tutorada funciona de outubro a maio, tem uma alta participação e assiduidade por parte dos alunos que frequentam, o que melhorou consideravelmente suas habilidades no âmbito da leitura e escrita. As atividades desenvolvidas com os alunos são variadas e, com isso, são atendidas as dificuldades que cada participante apresenta na atividade. Por exemplo:

» A preparação e a posterior representação da obra *A menina que rega o manjerico* (Lorca). Neste caso, trabalharam diferentes níveis de aquisição leitora que foram concretizados: decifrar a palavra escrita, corrigir os erros de pronúncia, e os aspectos suprasegmentais da linguagem, como a entonação.

» Maria, uma aluna com problemas de

equilíbrio emocional, conseguiu, com as atividades complementares que realizou na biblioteca tutorada, adquirir as destrezas de leitura e escrita que não havia podido alcançar durante as atividades de sala de aula.

Jesus, um aluno um pouco “agitado”, através das leituras compartilhadas de contos tradicionais da Andaluzia, junto com um docente, melhorou sua fluidez na leitura. Além disso, coincidiu que, em várias sessões, sua mãe estava na biblioteca tutorada para melhorar seus níveis de leitura.

Outra atividade da biblioteca tutorada dirigida aos familiares, durante o ano letivo 2010-2011, foi a realização de uma tertúlia literária, com periodicidade quinzenal. Nesta tertúlia participaram as mães de uma oficina de costura que é feita dentro do centro educacional, em colaboração com a associação “Entre Amigos”, uma professora e um professor do centro, e duas voluntárias.

Nesta tertúlia foi lido A casa de bonacas, de Ibsen, no qual todas e todos refletimos sobre o problema da desigualdade nos papéis da mulher e do homem, e esse assunto estava presente na vida de cada participante.

BIBLIOTECA, BAIRRO E PARTICIPAÇÃO

Para o funcionamento da biblioteca escolar, como não poderia ser de outro modo, conta-se com as famílias, a AFA (Associação de Familiares), as associações que colaboram juntas com o colégio (Entre Amigos, Akherdi, Federação de Mulheres Progressistas, Amuradi) assim como com o voluntariado que, já desde o ano letivo 2006-2007, vem colaborando com o funcionamento de diferentes iniciativas.

Também, como continuação da biblioteca tutorada, é realizado uma oficina de Animação à Leitura, organizada pelo Município para todos os meninos e meni-

nas que moram no bairro. Esta oficina foi desenvolvida no ano letivo de 2007-2008 e será desenvolvida durante o ano letivo 2011 - 2012, em duas tardes semanais, segundas e quartas-feiras, o que permitirá a abertura da biblioteca nestas duas tardes até às 18hs.

Com relação ao envolvimento da comunidade, queremos dar especial importância aos alunos pelas diferentes atividades que foram realizadas. Por exemplo, há alunos e alunas bibliotecários que colaboram com os responsáveis da biblioteca em tarefas de organização e gestão da biblioteca de pátio, na formação de usuários menores, no desenvolvimento de atividades de promoção e fomento da leitura... Concluindo, queremos que o aluno tenha um papel protagonista e, num primeiro momento, estamos conseguindo, já que os verdadeiros protagonistas estão sendo os alunos e alunas do terceiro ciclo.

LENDO JUNTOS

SARA ORTEGA/PROFESSORA DO ENSINO FUNDAMENTAL I. ESCOLA MARE DE DÉU DE MONTSERRAT (TERRASSA, BARCELONA)

Amira e sua família imigraram para Terrassa faz quatro anos. O primeiro ano foi difícil, aqui tudo funcionava de modo muito diferente do seu povoado, em Marrocos. Ainda que levassem muitas esperanças e projetos, também pesava o fato de deixar para trás seus amigos e familiares. Foram instalados em um humilde apartamento de um bairro da periferia da cidade. Nohayla e Mohamed, os filhos de Amira, começaram a frequentar a escola na metade do ano letivo, mas logo ficaram em dia em todas as matérias. Desde o primeiro dia foram incluídos nas salas de aula com o resto dos alunos e alunas onde trabalhavam em grupos interativos. Foram para a biblioteca tutorada e duas mães voluntárias lhes ajudavam com as tarefas, três tardes por semana, no reforço escolar. Aprenderam muito rápido a língua e fizeram amigos e amigas. Uma das atividades que a Nohayla mais gostou foi a tertúlia literária dialógica. No seu ano letivo estavam lendo e debatendo A Odisseia e as

discussões que surgiam faziam com que ela se sentisse mais próxima de seus colegas do 3o. ano do Ensino Fundamental I.

Lendo livros de literatura clássica universal, os alunos falam sobre os personagens, seus sentimentos, suas ações e decisões, e relacionam os temas que são propostos no livro com suas vivências e experiências pessoais. A motivação pela leitura aumenta quanto mais avança a novela e os meninos e meninas transferem os debates para outros espaços e com mais pessoas. Nohayla explica para sua mãe as aventuras de Ulisses, o que conversaram esse dia na tertúlia, e pede a ela, contagiando com seu entusiasmo, que se envolva com ela na leitura do livro. Algumas vezes é Nohayla quem lê para Amira. Mas outras vezes ocorre o contrário, já que Amira participa da tertúlia literária dialógica de familiares onde leem A casa de Bernarda Alba. Amira lê com Nohayla fragmentos do livro de Lorca e juntas preparam as intervenções para ambas as tertúlias.

Manuel também fica entusiasmado com a tertúlia literária. Cada semana ele leva seu livro para casa e lá pede à sua irmã

para que sente com ele para ajudá-lo a ler e pensar uma intervenção na tertúlia. Quando começou o 3o. ano do Ensino Fundamental I, ele não sabia ler, mas escutava atentamente seus colegas de classe. Ficava muito interessado por todos os assuntos que era propostos, especialmente quando estavam relacionados com a cultura cigana. Logo começou a participar muito ativamente ao propor reflexões; sente-se muito orgulhoso de sua identidade e de suas intervenções. Sua professora parabenizava-o a cada vez que trazia ideias propostas em um papel e ficava satisfeita em comprovar a evolução de Manuel com relação à aprendizagem da leitura. Quando ela vê Manuel tão atento escutando aos demais e argumentando suas opiniões, lembra-se da resposta que ele deu a ela ao sugerir que ele não levava o livro para casa porque era óbvio que ninguém poderia ajudar-lhe a ler. “Manuel, se você quiser, não precisa levar o livro para casa. Amanhã, na hora do recreio, eu te ajudo a ler. Assim você poderá participar da tertúlia”. “Imagina, professora! Eu levo o livro para casa e leio com a minha irmã”.

O entusiasmo dos alunos com relação a

esta atividade gera a busca de interações que lhes ajudem a participar dela e a aprender mais. Nohayla buscava isso em Amira e Amira em Nohayla, Manuel em sua irmã e tantos outros que, compartilhando o objetivo de aprender, transformam suas relações pessoais até mesmo fora do centro escolar.

Em alguns momentos, os familiares dos alunos e alunas vêm à escola para participar com seus filhos e filhas da tertúlia literária dialógica. Neste centro educacional, sabem que dar a oportunidade de participação nas salas de aula aos familiares tem uma incidência muito positiva nos resultados acadêmicos da totalidade. É muito comum escutar comentários como este: “Ontem, depois de que a minha mãe veio para a tertúlia, ela fez muitas perguntas pra mim, ela adorou, e me disse que, os temas que conversamos, e o modo como fizemos, foram uma grande surpresa. Então, depois da janta, lemos um pouco com meu irmão mais novo e explicamos a história pra ele. –Assim você ensina ao seu irmão, para que ele aprenda mais rápido, ela me disse”.

Lucía fica muito entusiasmada com as tertúlias que, a cada semana, fazem na sua classe. Ela tem 10 anos e já leu e debateu com seus colegas livros como A Odisseia, Dom Quixote, As Mil e Uma Noites e A Eneida. No recreio, ela se senta com suas amigas e amigos e, juntos, preparam a tertúlia. “Você me empresta um parágrafo?” pergunta Carlos, que sabe que Lucía tem muitas ideias. “Empresto um, sim, mas

daí vamos ler juntos e escolhemos outro, tá?”. Assim, entre eles e elas, ajudam-se mutuamente a ler, a escolher fragmentos para comentar na tertúlia, e elaborar suas intervenções. Todos querem participar e, como disse Lucía: “Quanto mais parágrafos escolhemos, mais ideias e mais debates vão sair”.

A tertúlia visa a leitura dialógica porque as intervenções fazem referência à leitura compartilhada em casa com os familiares. “Não entendo o que quer dizer a frase vai apagando-se pouco a pouco”, comenta Hihad. Hoje é o dia de discutir sobre Dom Quixote, e os alunos estão discutindo sobre o final do livro. Jesica pode ajudar graças à leitura que fez com seu pai. “Eu também não entendia, mas meu pai leu o livro comigo e me falou que isso significa que o cansaço vai deixando ele sem forças”. Desse modo, com a intenção de ajudar a Nihad, Jesica transfere à tertúlia os diálogos que mantém com seu pai durante a leitura em casa do Dom Quixote.

Karim e sua mãe, Farida, compartilham a tarde fazendo juntos as tarefas. Quando Karim começou o ano letivo da 3a. série do Ensino Fundamental I, ele não sabia ler nem escrever. Havia chegado em Terrassa no ano letivo anterior. Fez amizades na sua nova escola e aprendeu rápido a falar o idioma. Mas as aprendizagens acadêmicas lhe motivavam pouco e as tarefas pesavam muito; para ele, estudar não tinha muito sentido e fazia com que ele se envolvesse em confusão

continuamente. Uma manhã, logo antes de começar a aula, sua professora se surpreendeu vendo-o ler um livro de ciências. Depois de um ano e meio de sua chegada no bairro, Farida, sua mãe, matriculou-se nas aulas de alfabetização. Fazia uma semana que frequentava a escola de seu filho para aprender. Essa mudança havia provocado outra transformação ainda mais profunda. Ajudou Karim a encontrar um sentido na aprendizagem. Para Karim, não foi preciso que sua mãe aprendesse a ler para ele começar a ler. Foi preciso apenas que sua mãe se matriculasse no curso de alfabetização porque era importante para toda a família. Este gesto carregava o sentido que ele necessitava para querer também aprender a ler e escrever. Agora ele adora ver sua mãe pela escola e, a cada manhã que Farida tem aula, ele diz: “Vem mamãe, traz a pasta porque nós vamos para a escola”. Às tardes, quando Karim volta para casa, eles fazem juntos as tarefas e leem juntos os contos que Karim toma emprestado da biblioteca. Ele sabe que ela gosta e que assim aprendem mais os dois juntos.

Todos e todas estão transformando suas relações pessoais com seus colegas e também com seus familiares. Em casa, as conversas giram em torno da escola, dos personagens dos livros e das atividades que realizam. Leem juntos, se ajudam e fazem as tarefas. Compartilham objetivos porque querem aprender mais, estão animados e, o melhor de tudo, fazem tudo isso juntos.



ESCOLA. Diretor: Pedro Badía. Redatora Chefe: Loca García-Ajofrín. Redação: Pablo Gutiérrez del Álamo e María Piedrabuena.

Assinaturas e Atenção ao Cliente: C/Collado Mediano, 9 - 28230 Las Rozas (Madrid) - Telefone: 902 250 510 - Fax: 902 250 515

Edição: WOLTERS KLUWER ESPAÑA, S.A. www.wke.es Conselheiro Delegado: Salvador Fernández. Diretor Geral: Eduardo Garcia. Diretora de Publicações: Carmen Navarro. Depósito Legal: M-50-929-2007. ISSN: 1888-2781.

Paginação: María Piedrabuena

Coordenação: CREA-UB

Elaboração:

ESCUELA



Tradução: Gabriela Doll Ghelere

